

DIMENSÕES ACADÊMICAS DA CEGUEIRA MORAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

ACADEMIC DIMENSIONS OF MORAL BLINDNESS: AN EXPERIENCE REPORT

258

José Paulo dos Santos Rosas de CASTRO¹
Rita de Fátima da Silva Rosas de CASTRO²
Vera Lucia GOMES³

Resumo: O artigo constitui-se na apresentação de um relato de experiência fruto de um estudo descritivo fenomenológico sobre as implicações das novas tecnologias na moralidade acadêmica no processo de formação de professores, no município de Ponta Porã, Mato Grosso do Sul. Fizemos um estudo exploratório bibliográfico sobre a Moral que teve como objetivo auxiliar na identificação dos atos morais-interpessoais e sócio-convencionais percebidos durante três semestres num curso de formação de professores a nível superior. Visamos também compreender o tipo de fenômenos atitudinais, em termos sócio-morais e analisar a presença no ambiente acadêmico de estímulos para a construção da moralidade, especialmente aqueles relacionados às atitudes sócio-morais basilares. Objetivamos, a partir desses fenômenos, problematizar a importância e implicações da moralidade acadêmica e o impacto desta sobre o indivíduo em formação, obtendo deste caso particular, importantes inferências que poderão ser generalizadas.

Palavras-chaves: Formação de Professores. Cegueira Moral. Moralidade.

Abstract: This article presents an experience report from a phenomenological descriptive study about the new technologies implications in academic morality in teacher training process in the city of Ponta Porã, Mato Grosso do Sul. We did an exploratory bibliographical study on Moral which aimed to help identify the moral-interpersonal and socio-conventional acts perceived during three semesters in a teacher training course at a higher level educational institution. We also aim to understand the type of attitudinal phenomena in socio-moral terms and to analyze the presence in the academic environment of stimuli for the construction of morality, especially those related to basic socio-moral attitudes. We aim, from these phenomena, to problematize the importance and implications of new technologies in academic morality and its impact on

¹ Graduando em Pedagogia pela UFMS - paulocastroslz@gmail.com

² Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS - rita.fatima@ufms.br

³ Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS - vera.lucia@ufms.br

the individual in formation, obtaining from this particular case, important inferences that can be generalized.

Keywords: Teacher Training. Moral Blindness. Morality.

Introdução

A modernidade produziu núcleos sociais globais onde a construção das significâncias sócio-morais foi alterada. Os fenômenos da atual sociedade ocidental de consumo alteraram os comportamentos no âmbito da moralidade social. Influenciada pelas novas tecnologias globais de informação, a “*modernidade líquida*” (BAUMAN; DONSKIS, 2014), amplificou e gerou novos estímulos atitudinais, sem os regulares filtros morais do cotidiano social regional. Nesta segunda modernidade, tudo é “ [...] permeado pela ambivalência. Não há mais nenhuma situação social inequívoca, da mesma forma que não há mais atores inflexíveis no palco da história” (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p.11). As novas tecnologias estimularam fenômenos atitudinais que nos desafiam a abordagens mais humanizadas e sensíveis à frágil condição psico-emocional humana :

O desafio é uma busca de sensibilidade, de novas formas de agir de maneira adequada aos seres humanos, busca que, em estrita colaboração com as ciências humanas e sociais, cria um novo campo global de compreensão mútua, crítica social e autointerpretação. (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p. 11).

Vive-se atualmente a era da individualização e da quebra da privacidade. Nossas sociedades se esvaziam da Empatia, da Reciprocidade, da Cooperação e da Justiça, conceitos fundamentais para a necessária sobrevivência da nossa espécie. Uma breve observação dos ambientes educacionais torna evidente esta reflexão. A competição estimulada pela sociedade tecnocrática de consumo capitalista, onde o *proletariado* se transformou em *precariado*, perante o futuro inseguro, a impermanência do presente e a busca incessante pela migração social vertical, desafia o indivíduo a desconsiderar a moral social da outrora modernidade sólida. O *Outro* transfigura-se em concorrente, em inimigo, em alguém a desconfiar, a eliminar do nosso caminho. Para Donskis a “[...] destruição da vida de um estranho, sem haver a menor dúvida de que se cumpre o dever e de que se é uma pessoa moral, essa é a nova forma do mal, o formato invisível da maldade na modernidade líquida.” (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p.17).

Nesta era da “*nova forma do mal*” as novas tecnologias digitais viram ferramentas poderosas, armas de censura global que transformam a realidade virtual numa ferramenta geradora de fenômenos sociais grotescos:

[...] Novas formas de censura coexistem – da maneira mais estranha – com a linguagem sádica e canibalesca encontrada na internet e que corre solta nas orgias verbais do ódio sem face, nas cloacas virtuais em que se defeca sobre os outros e nas demonstrações incomparáveis de insensibilidade humana (em especial nos comentários anônimos) (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p.18).

260

Vivemos um momento histórico em que “[...] a tecnologia ultrapassou a política. Ou você se envolve ativamente no mundo da TI ou não existe mais [...]”.(BAUMAN; DONSKIS, 2014, p.64). Inferimos com esses autores que a tecnologia também ultrapassou a Educação. O uso das novas tecnologias, sem o estabelecimento de critérios racionais de uso, estão transformando as nossas universidades, principalmente as dedicadas às áreas humanas, em institutos de aprendizado superficial, com práticas pedagógicas que não promovem a aquisição de conteúdos. Uma discussão acadêmica crítica sobre as temáticas ementadas disciplinarmente é coisa rara de se observar em sala de aula. Como Bauman nos afirma:

[...] a crítica boa e verdadeira é uma construção de alternativas, o ensaio de um pensamento ou de uma ação a partir do lugar da lógica ou outra forma de conhecer ou pensar. O canibalismo verbal e mental, ou a mútua aniquilação moral, significa apenas uma coisa, a rejeição da livre discussão e sua asfixia antes mesmo dela começar (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p. 51).

Os espaços educacionais acadêmicos são cruciais para abordar a problemática dos estímulos da uma regulamentação social mais humanizada. Cabe a nós, pesquisadores, educadores e pedagogos, o papel de compreender este fenômeno contemporâneo e transformá-lo em objeto de pesquisa. O papel da educação superior demonstra-se vital, pois é neste universo que os indivíduos, entre si e entre os outros atores, encontram-se com os desafiantes conceitos da interação pedagógica crítica .

Este relato de experiência tem como objetivo descrever as interligações do uso das novas tecnologias com os fenômenos morais do cotidiano do observador. Visamos compreender o tipo de fenômenos sócio-morais e analisar a presença no ambiente acadêmico de estímulos fundamentais para a construção da moralidade social. Para tal elaboramos a

seguinte questão: Será possível encontrar, no curso de formação de professores do ensino superior público, comportamentos (i)morais influenciados pelas novas tecnologias digitais?

Os resultados destas observações apresentam-nos reflexões sobre o processo de construção moral dos indivíduos em formação superior, permitindo-nos inferir, deste estudo particular, hipóteses gerais que podem direcionar posteriores pesquisas com abrangência para intervenções sociais.

Desenvolvimento

Trata-se de um relato de experiência com estratégia de registro de observações e análise sistemática de conteúdo, descritiva e explicativa. Identificamos os comportamentos dos indivíduos, em termos sócio-morais, de uma turma de formação de professores, numa instituição pública do município de Ponta Porã, ao longo de um período de três semestres. Partimos da observação, pois *“Na moral, como nas outras ciências, é necessário portanto partir da observação.”* (DURKHEIM, 2016, p.46). Também encontramos em Merleau-Ponty considerações que nos apoiam sobre a observação sistematizada de fenômenos:

Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente o seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda. (MERLEAU-PONTY, 1999, p.3)

Codificamos o tipo de atos em morais-interpessoais e sócio-convencionais, percebidos durante o processo de formação em sala de aula regular. As codificações foram fundamentadas na abordagem teórica sobre o desenvolvimento moral, desenvolvida em TURIEL (1984), que sugere uma distinção clara entre os domínios do conhecimento social, concretamente entre a moralidade e a convenção social.

Entendemos como atos morais interpessoais os comportamentos intrínsecos às ações e interações sociais que previnem danos físicos, psicológicos e/ou a violação dos direitos dos outros. Para uma melhor sistematização das observações, dividimos os atos morais

interpessoais nos seguintes sub-grupos: Agressão Física: Inclui-se nesta subcategoria comportamentos de agressão física que se revestem de várias formas; Agressão verbal: São aqui incluídos os comportamentos verbais de insulto, injúria, difamação e troça; Apropriação indevida de objetos ou espaço do outro: Codificam-se assim comportamentos de apropriação “indevida” de objetos e espaço de outros. Destruição de pertences do outro: Classificam-se nesta subcategoria as incidências relativas aos danos sobre os pertences e/ou o trabalho realizado por outros. Rejeição ou exclusão do outro: Aqui são codificadas todas as ocorrências que expressão a recusa em interagir com outros, as tentativas de impedir outros de participar em tarefas comuns ou mesmo a sua exclusão de um grupo. Negação de reciprocidade: Inclui-se nesta subcategoria comportamentos que configuram situações de recusa em ajudar o outro e em emprestar/partilhar objetos/tarefas. Nestas situações o transgressor não atua empaticamente; o seu comportamento revela insensibilidade perante a necessidade de ajuda por parte do outro. Outros eventos: Nesta subcategoria classificam-se comportamentos que configuram transgressões morais especificamente associadas à violação de regras de confiança interpessoal, como por exemplo, “mentir” e “enganar”.

Os atos sócio-convencionais são regulações comportamentais associadas à especificidade da dinâmica e da organização social de um grupo, neste caso vinculados à comunidade académica. Este tipo de regras são conceitos reguladores da ordem social deste grupo específico. Dividimos os atos sócio-convencionais nos seguintes sub-grupos: Transgressões de regras de utilização de espaços, materiais e equipamento: Esta subcategoria agrupa todos os comportamentos de uso impróprio/inadequado (falta de cuidado ou destruição) de materiais, equipamentos e espaços; Transgressões de regras de higiene e limpeza: Esta subcategoria inclui os comportamentos que infringem regras que dizem respeito às rotinas de cuidados de higiene e à manutenção geral de um ambiente limpo na sala de atividades e noutros espaços; Transgressões de regras de comunicação e movimento em atividades e processos de aprendizagem: Classificam-se nesta subcategoria todos os atos que constituem desvios ao que está estabelecido sobre como se deve comunicar e movimentar dentro da sala de aula e espaços comuns do Campus; Transgressões de regras relativas a horários: Codificam-se como tal, os atos de não cumprimento de normas que regulam o tempo das atividades; Transgressões de regras que regulam a execução de tarefas

específicas: comportamentos que não cumprem o que está estabelecido relativamente aos modos ou procedimentos acordados para a execução de tarefas quotidianas; Outros eventos de transgressão sócio-convencional: comportamentos, que configuram de forma inespecífica, desvios ao conjunto de normas que regulam a ordem social das aulas.

Procuramos identificar os estímulos promotores dos conceitos sócio-morais considerados basilares na construção das sociedades de humanos, encontrados em WAAL (2009), tais como a “cooperação”, a “empatia”, a “reciprocidade” e a “justiça”. É inegável também a contribuição de PIAGET (1994) na temática da construção dos conceitos morais. A sua visão interacionista das edificações sociais entre os seres humanos embasa nossas maiores inferências. VYGOSTKY (2010) ajuda-nos a mapear a complexa teia das significâncias conceituais do mundo mental vivido nos espaços educativos. Apoiamos nossa pesquisa na importância da visão desse autor sobre os processos de mediação exercidos pelos atores da interação social, especialmente pelos docentes do ensino superior. BAUMAN, DONSKIS (2014), apresenta-nos a complexa pós-modernidade “líquida” e a “fluides” dos fenômenos do cotidiano, em especial o conceito da “cegueira moral” e a forte interferência das tecnologias na nova ordem social do século XXI. Estas abordagens sobre as impermanências auxiliam-nos no enquadramento dos fenômenos tecnológicos pesquisados dentro do contexto educacional do mundo globalizado. BARDIN (1977) coloca-nos a análise de conteúdo como uma técnica eficaz na análise de dados qualitativos, tão complexos na sua subjetividade, como os juízos e comportamentos morais sociais.

A escolha do ambiente a observar apresentou-se perante o fato de o próprio observador ser discente de uma turma no curso de formação de professores no ensino superior. A necessidade de observar a interferência das novas tecnologias nos estímulos sociais morais, presentes na formação dos futuros profissionais intervenientes na educação infanto-juvenil, surgiu a partir de uma tarefa de foro avaliativo no decorrer de uma das disciplinas optativas da grade curricular. Visamos com este trabalho contribuir para uma inferência esclarecedora sobre os atuais desafios da vida académica e as dificuldades sócio-morais decorrentes dos impactos desta formação. Para Vygostky (2010, p.53) a tarefa do pesquisador é “[...] *a de pôr às claras as relações reais, não as figurativas, que existem entre o comportamento e seus meios auxiliares [...].*”

Estas observações tiveram três etapas. A primeira etapa, com a duração de três semestres, foi uma fase aberta de observação e coleta de dados, onde o observador identificou os micros grupos sociais existentes (amizades, grupos de trabalho, turmas, afinidades, entre outros). O observador registrou essas percepções, assim como anotou o comportamento dos observados e do próprio observador. Fez também reflexões analíticas e metodológicas sobre os dilemas éticos encontrados. A segunda etapa foi a fase de análise e interpretação dos dados e teve a duração de um semestre. Foram realizadas novas reflexões analíticas e metodológicas, analisados e interpretados os dilemas éticos e os conflitos percebidos assim como algumas possíveis mudanças na perspectiva do observador. Classificamos e organizamos os dados e procuramos explicações e novas abstrações, tanto sobre a temática da pesquisa como sobre os problemas éticos, metodológicos e políticos enfrentados assim como a interação do pesquisador entre os fenômenos pesquisados. A terceira etapa foi a fase de elaboração do artigo/tarefa a apresentar para avaliação na disciplina do curso de formação de professores. Esta etapa teve a duração de 30 dias. Foram realizadas novas reflexões metodológicas e analíticas assim como se revisou a literatura que embasou o trabalho.

Apresentação e tratamento dos dados

Tabela 1: Registro das observações dos fenômenos morais interpessoais

Atos Morais Interpessoais	Observações	Reflexões
Agressão Física	Foram observados atos de agressão física.	Identificamos agressão física a jovens e adolescentes convidados para um eventos acadêmico, agressão essa feita por agentes públicos (policiais militares) que reagiram agressivamente e violentamente ao serem chamados para uma ocorrência dentro da unidade de ensino superior.

Atos Morais Interpessoais	Observações	Reflexões
Agressão Verbal	Foram observados diversos atos de agressão verbal indireta e direta.	Consideramos as agressões verbais indiretas como as fofocas de corredor, as denúncias anônimas falsas via sistema eletrônico de Ouvidoria, atos de mal dizer do outro, sem a presença física do outro no momento da agressão verbal. Foram identificadas estas agressões tanto por parte de discentes como por parte do corpo docente. identificamos também atos de ameaça verbal direta.
Apropriação indevida de objetos ou espaços	Não foi identificada apropriação indébita de objetos ou espaços	Sem reflexões
Destruição de pertences do Outro	Foi identificada destruição de pertences do outro	Foi observado um artefato construído para danificar um veículo de um membro da comunidade acadêmica.
Rejeição e exclusão do Outro	Foi identificada rejeição e exclusão do Outro	Foram evidenciados comportamentos de rejeição e exclusão do outro em sala de aula, tanto por parte dos discentes ou dos docentes. Identificamos que dificuldades de empatia e as divergências ideológicas político-sociais foram as principais motivações da rejeição e exclusão.
Negação da Reciprocidade	Foi identificada negação de reciprocidade	Foram observados comportamentos de negação da reciprocidade principalmente em tarefas de grupo tanto entre os discentes como entre os docentes.
Outros	Foram identificados outros comportamentos interpessoais morais	Identificamos mentiras, oclutações deliberadas de verdades com o intuito de prejudicar o outro e alegações que promoviam o engano do outro.

Tabela 2: Registro das observações dos fenômenos sócio-morais convencionais

Atos sócio-morais convencionais	Observações	Reflexões
Higiene e Limpeza	Não foram identificadas quebras de conduta quanto à higiene e limpeza	Sem reflexões
Comunicação e Movimento	Foram identificadas faltas quanto à comunicação e Movimento	Foram identificadas tentativas de manipulação de informação e comportamentos visando impedir a transparência e divulgação de processos acadêmicos. Identificamos também tentativas de desqualificar dados científicos, usando de coação visando constringer indivíduos ao silêncio.
Horários	Foram identificadas faltas quanto aos horários.	Descumprimento de horários de aula; Descumprimento quanto à pontualidade na chegada e na saída no horário de aula presencial;
Responsabilidades e Tarefas	Foram identificadas faltas quanto a responsabilidades e tarefas; Destacamos este fenômeno como sendo o que teve a maior quantidade de faltas identificadas;	Desresponsabilização dos agentes públicos; Descumprimento da carga horária determinada para as disciplinas; Descumprimento dos Regulamentos e Estatutos; Arquivamentos de processos sem a devida investigação processual e de fatos;
Outros	Foram identificados outros comportamentos	Foi observada presença constante em sala de aula de crianças (filhos de alunos), com a autorização por parte dos professores.

Discussão dos dados

No tocante aos fenômenos morais interpessoais, não encontramos atos de agressão física entre os indivíduos da instituição de ensino, mas identificamos um ato de agressão violenta por parte de policiais militares, que atendendo um chamado, agrediram violentamente alguns jovens adolescentes moradores de abrigos municipais. Esses adolescentes tinham sido convidados pela instituição para participar de uma atividade acadêmica e estavam aguardando, no exterior da sala de aula, o momento de participação. Verificamos que de forma geral, a reação tanto dos

acadêmicos como das diversas “autoridades” do órgão educativo demonstrou falta de empatia, sem se envolver no acontecimento. A violência sofrida pelos jovens identificou o hiato da empatia entre os jovens da universidade e os jovens agredidos. Hiato este constatado pela ausência de reação antagônica a esta violência. Foi evidente a utilização das novas tecnologias digitais para captar o acontecimento, através da gravação em vídeo da agressão, mas não se verificou nenhuma reação de proteção a esses jovens agredidos. Apenas a coordenadora do abrigo e a docente responsável pela atividade tomaram atitudes efetivas de proteção ao jovens. Foi evidente o “[...] *individualismo, atomização e fragmentação dos laços sociais, pouca sensibilidade e compaixão, um hiato grande demais entre o jet set e as pessoas comuns, a falta de um Estado de bem estar social [...]*” (BAUMAN, DONSKIS, 2014, p.158).

Quanto a atos de agressão verbal, identificamos agressões verbais diretas, em que um ou vários indivíduos agredem verbalmente outro(s) num confronto frente a frente, verbalizando futuras ações contra o outro, sobre a forma de ameaças e assédio. As agressões verbais mais comumente observadas foram indiretas, ou seja, onde um ou vários indivíduos, sem a presença do indivíduo nomeadamente identificado como agredido, agem contra este. Conversas de corredor assediando outro(s) indivíduo(s) foram regularmente observadas. As agressões verbais especialmente graves foram identificadas via os meios institucionais eletrônicos disponíveis, como por exemplo a Ouvidoria eletrônica, os e-mails ou o aplicativo “WhatsApp”. Diversas agressões graves, configuradas criminalmente, como injúria, difamação e a calúnia foram identificadas. Os atores destas agressões encontram-se entre toda a estrutura da instituição. Identificamos docentes, discentes e técnicos envolvidos nestas mutuas agressões verbais. Segundo Silva e Araujo:

[...] Tudo isso são elementos que acabam sendo incorporados por professores e alunos, que muitas vezes, para garantir a sobrevivência dos programas a que estão ligados, lançam-se em disputas desumanas por recursos e apoios de entidades de financiamento públicas ou privadas. Vence, portanto, o individualismo. Perde a coletividade e o bem comum [...](SILVA; ARAUJO, 2012, p. 257).

Não identificamos atos de apropriação indevida de objetos ou espaços. Quanto à destruição de pertences do outro, identificamos um ato que danificou um veículo de um docente, através de um artefato de perfuração das rodas do veículo. Como não identificamos nem o(s) autor(es) nem os motivos não inferimos outras conclusões.

Nas observações sobre a rejeição e a exclusão foi possível identificar comportamentos advindos tanto de docentes como discentes da instituição. As dificuldades de empatia com o diferente, encontradas em sala de aula, tanto no tocante às ideologias sócio-políticas foram os principais gatilhos para a exclusão e a rejeição do outro. Foi evidente a segmentação da turma em grupos de afinidades que rejeitavam reiteradamente a participação dos *outsiders* nas atividades. Estas rejeições entre indivíduos se davam principalmente através de manifestações ideológicas sobre conceitos expostos na mídia tecnológica. "Facebook", "E-mail" e "Whatsapp" foram os principais aplicativos promotores de discussões segmentárias. Os indivíduos, promotores destas manifestações segmentárias, não promoveram algum tipo de discussão acadêmica sobre os assuntos expostos nas mídias sociais. Este fenômeno nos preocupa especialmente, pois consideramos de vital importância a discussão acadêmica entre os diversos e diferentes saberes. A existência futura das academias públicas de ensino superior depende da alteração deste comportamento. Donskis nos alerta para este fenômeno:

[...] Com o aprofundamento e a consolidação das diferenças humanas em quase todos os ambientes e vizinhanças, um diálogo respeitoso e simpático entre as diásporas se torna condição cada vez mais importante, na verdade crucial, para a sobrevivência planetária comum. (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p.128)

Na negação da reciprocidade identificamos comportamentos de indivíduos que, em tarefas avaliativas de grupos de trabalho e/ou pesquisa, se ausentavam de participar ativamente na elaboração do encargo, que devendo ser coletivo, terminava sendo fruto apenas do ofício de alguns discentes. Este comportamento foi identificado com muita regularidade. Identificar este comportamento exigiu uma observação cuidadosa. Importa observar que nem sempre em tarefas de grupo existe reciprocidade pois, “[...] *Se há uma coincidência de satisfação de ambos os lados de um relacionamento, isto não cria necessariamente uma reciprocidade; isto significa apenas que os dois indivíduos em relação se satisfazem ao mesmo tempo.[...]*” (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p.179). Para existir reciprocidade tem de se identificar a intenção do indivíduo de retribuir a ação do outro.

Quanto à observação de outros comportamentos, identificamos mentiras, oclutações deliberadas de verdades, tanto por parte de discentes como por docentes, com o intuito de prejudicar o outro. Foram também facilmente identificadas alegações que promoviam o engano

do outro, através de informações que parcialmente manipulavam a interpretação de dados. Isto nos preocupou especialmente, pois segundo Donskis:

[...] Se os alunos nunca virem um professor que não se curva diante de ninguém, nem um pesquisador que siga o princípio de *pauca pacis* (“um pouco para os poucos”), onde aprenderão a reconhecer e a respeitar a liberdade de pensamento e a integridade intelectual?. (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p.167)

Quanto aos fenômenos sócio morais convencionais, nas observações sobre higiene e limpeza, não identificamos comportamentos a anotar. Quanto à Comunicação e Movimento foram identificadas diversas tentativas de manipulação de informação, impedindo ou restringindo acesso a documentos, visando impedir a transparência e a divulgação de processos e informações administrativas e acadêmicas. Identificamos também tentativas de desqualificar dados científicos, na tentativa de proteger uma postura de autoridade individualista. O abuso da “autoridade”, exercido por funcionários públicos no exercício da função, visando constringer outros indivíduos ao silêncio, foi um fenômeno regularmente identificado. Durkheim já se manifestava visionário da nossa realidade ao nos declarar: *“As épocas em que a sociedade desintegrada, em razão de sua própria decadência, promove as vontades particulares, em que o egoísmo flui livremente, são épocas tristes.”* (DURKHEIM, 2012, p. 83).

Nos Horários identificamos diversos descumprimentos, tanto quanto à pontualidade no horário de início, quanto na saída e encerramento das aulas presenciais. Salvo raras exceções, se observou o encerramento do último horário das disciplinas presenciais sendo antecipado em mais de 40 minutos. Foi possível observar também claros descumprimentos do regulamentos quanto à carga horária determinada para o cumprimento da disciplinas obrigatórias e/ou optativas. Em diversas disciplinas, a presença do docente em sala, não se identificou em acordo com a carga horária declarada obrigatória pelos regulamentos.

Nas Responsabilidades e Tarefas identificamos comportamentos de desresponsabilização de agentes públicos, portanto irregulares perante os regulamentos e estatutos da instituição. Percebemos o descumprimento da carga horária determinada para as disciplinas: verificamos arquivamentos de processos sem a devida investigação processual e fatural; verificamos registros de presenças e/ou faltas indevidas; verificou-se ainda a ausência de deveres considerados obrigatórios para servidores públicos, que se ausentavam de os

efetivar, principalmente por questões individualistas e políticas, prejudicando seriamente a comunidade acadêmica em seus direitos.

Nos Outros, foi observada regularmente a presença de crianças (filhos de alunos) em sala de aula, com a concordância dos docentes. . Este fato, gerava cerceamento, perante os retraimentos das falas e das discussões que envolviam temas cuja discussão não seria apropriada perante a presença de menores no ambiente acadêmico de discussão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Para conferir à ação educadora a energia que lhe é necessária, devemos tentar atingir os sentimentos fundamentais que estão na base de nosso temperamento moral.”

Émile Durkheim

Na era da adiaforização do Outro, as novas tecnologias digitais, especialmente as envolvidas na globalização desregrada de informações e nas comunicações, revestem-se de autoria quanto à evidente (des)integração social do indivíduo. Os limites reguladores da construção da moralidade, outrora limitada pelas fronteiras dos Estados-Nação, foram desconstruídos pelas novas tecnologias globais da informação. Hoje, as principais incumbências do Estado comportam o desenvolvimento das habilidades e competências nas novas inteligências e a proteção da moralidade coletiva. Desta forma indagamos se identificaríamos nas nossas observações, no curso de formação de professores do ensino superior público, comportamentos (i)morais impelidos pelas essas novas tecnologias digitais?

As observações se demonstraram esclarecedoras e possibilitaram uma tese reveladora: o conceito de homem ideal, o homem virtuoso das primeiras escolas da *Paideia* socrática, parece ter-se esvaindo perante as exigências da tecnocracia da nova era tecnológica. Nossos espaços educativos inculcam a “*servidão voluntária*”⁴ nesta nova modernidade tecnocrática, enquanto verbalizam ideais de um ensino humanizado. A eterna diáspora da *praxis* versus *theoréo* não se apresenta vencida pela pedagogia do nosso cotidiano acadêmico. As ferramentas

⁴ A *servidão voluntária* é um conceito de autoria de Étienne de La Boétie, encontrado em sua obra publicada em 1563.

tecnológicas de comunicação sobrepuseram-se ao objetivo primordial da arte de educar. A Autonomia está sendo sufocada pela Individualidade e pelo conteúdo artificial dos *selfs*.

Foram identificados no curso de formação superior de professores, pelas nossas observações, fenômenos morais interpessoais de agressão física e verbal, de tentativas de destruição de pertences, de rejeição e exclusão, de negação de reciprocidade, entre outros. As novas tecnologias foram usadas como o principal meio estimulador e facilitador destes comportamentos. Quanto aos fenômenos sócio-morais convencionais identificamos a manipulação de comunicações, o descumprimento de horários, regulamentos, responsabilidades e tarefas, além de outros comportamentos diversos.

Estas observações se demonstraram perturbantes, pois identificar estes comportamentos com regularidade, principalmente nos cursos de formação de professores, nos lança a questão: Que moral devemos nós, educadores em formação, aprender com esses autores e/ou co-autores formadores dos futuros docentes?

A busca de uma teoria comum da moral, por pensadores da modernidade sólida, como Auguste Comte, Herbert Spencer e Émile Durkheim, ainda encontra diversas perguntas sem resposta, deixando muitas hipóteses carentes de confirmação neste século XXI. As abordagens da epistemologia genética de Jean Piaget, sobre os processos da construção da moralidade nas crianças, abriram caminhos para a interpretação das regras sociais do nosso cotidiano. Zygmunt Bauman e Leonidas Donskis apresentam-nos as sérias implicações das novas tecnologias nas ramificações atitudinais e morais da atualidade.

Apesar da apocalíptica visão do relacionamento entre as novas tecnologias digitais e a educação na atualidade, não visualizamos um futuro negativo perante as nossas observações. Apenas o presente manifesta esta visão. A história da humanidade demonstra-nos que na adversidade constroem-se sabedorias. A nossa espécie tem se demonstrado resiliente quando encontra desafios áspers. O sentimento que instiga a urgência da mudança dos comportamentos educativos, especialmente dos valores (i)morais identificados pelas nossas observações, afirma-nos a habilidade de visualizar através da arcaica bruma pedagógica que resiste antes de evaporar. Nesta alvorada de novas tecnologias surge a questão: Com que valores educar?

Como desbravadores de novos rumos educacionais, o propósito de uma sociedade mais ética deve nos impulsionar perante as atuais adversidades morais. Pois, uma vez ultrapassada a atual cegueira moral poderemos acostar o Brasil numa pós-modernidade mais serena, pacífica e segura.

Referências

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições, v. 70, p. 225, 1977.
- BAUMAN, Z; DONSKIS, D. *Cegueira Moral. A perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- DE LA BOÉTIE, Etienne; JÚNIOR, José Cretella; AGNES (*) CRETILLA. *Discurso da servidão voluntária*. Ed. Antígona, 1986.
- DURKHEIM, E. *A educação moral*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012.
- DURKHEIM, E. *Ética e sociologia da moral*. São Paulo: Martin Claret, 2016.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PIAGET, J. *O juízo moral na criança*. 4. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1994.
- SILVA, Rita de Fátima da; Araújo, Paulo Ferreira de. *Os caminhos da pesquisa em atividade motora adaptada*. São Paulo: Phorte Editora, 2012.
- TURIEL, E. *El desarrollo del conocimiento social: moralidad y convención*. Debate, 1984.
- VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- WAAL, F. D. *Primates and philosophers: How morality evolved*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2009.

Data do envio do trabalho: 25/06/2019

Aprovado em: 04/08/2019

Publicado em: 18/12/2019